

PROJETO PEIXES, PESSOAS E ÁGUA (PPA)

Relatório de Reunião de Gestão

EXPOSIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS, PROPOSTAS E FERRAMENTAS PRIORITÁRIAS.

23 DE SETEMBRO DE 2005 – HOTEL ROYAL CENTER – BELO HORIZONTE – MG.

Antonio Brito - facilitador

Agenda:

1º DIA – Início: 09:25.

1 - AQUECIMENTO, APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES E APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE E OBJETIVOS. (LISTA DE PRESENÇA ANEXO 1).

2 - APRESENTAÇÃO E ABERTURA OFICIAL.

Saudações!!!

RAIMUNDO MARQUES (FEPESCA)- Inicia dando as boas-vindas a [todos](#) (as). Fala da viagem que faz ao Canadá e da importância desta com relação ao conhecimento de tecnologias para o desenvolvimento e a sua contribuição para a atividade pesqueira. Tem a expectativa que após esta fase atual do projeto, que se possa iniciar uma outra fase, para dar continuidade ao que aprenderam e desenvolveram com mais responsabilidade. É isto o que tem a apresentar aos canadenses. Gostaria de ter participado de todas as oficinas, mas não foi possível.

ANNE GAUDET (CIDA) – Fala do grande prazer em estar aqui. No Canadá, ler relatórios é muito distante. Mesmo assim ficou muito contente com o projeto. Vir conhecer aqui, no Brasil, os parceiros é importante para identificar as possíveis visões de futuro.

JOACHIM CAROSFELD – agradece a presença de todos (as). Desejo que juntos, consigamos tirar um plano para o futuro.

MARIA INÊS (UFSCAR) - Reafirma as palavras do Raimundo, foi um período de troca de experiências diversas. O Rio São Francisco é rio de integração, mas agora ela é internacional. Se ele morrer, é um pouco da nossa alma que vai estar morrendo. Agradece a todos os parceiros do Canadá em geral e ao Yogi.

3 – APRESENTAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO A PARTIR DAS MESAS TEMÁTICAS.

Antes do início das mesas temáticas, Yogi fez uma apresentação em slides, recuperando o que é o projeto, quais são seus objetivos, e as principais atividades por eixo temático. Em seguida recolocou os objetivos deste encontro e as principais questões que serão debatidas durante a apresentação das mesas temáticas.

Foram sugeridas 04 questões orientadoras para as apresentações pelos responsáveis pelas mesas:

- (a) O que aprendemos individual e institucionalmente?
- (b) Que resultados já garantimos?
- (c) Que impactos essas ações produziram na instituição onde trabalho?
- (d) Que outras ações ou projetos queremos / podemos desenvolver por conta da nossa própria instituição?

Mesa temática I – IMPACTOS AMBIENTAIS E ORDENAMENTO DA PESCA.

(1) JOÃO LOPES (CEMIG) – [apresentação em transparências] – Centra sua apresentação na viagem feita ao Canadá: roteiro começa nos Grandes Lagos (presentes Alison e Renata, ambientalista). Conheceram três hidrelétricas nesta região e depois uma outra no lado oeste do Canadá. Antes, foram aos EUA, depois é que foram para Vitória, na sede da WFT. Nos EUA: Denver e oeste americano – conheceram um sistema para peixes, alguns parques e escola meio-ambiente. Havia espécies exóticas. Lembrou da situação no Brasil sobre a invasão mexilhão dourado. Afirmou que ter feito esta viagem foi importante para descobrir, também, o que deu errado. Comenta que lá, a união realmente faz a força; aqui, não adianta a CEMIG fazer sozinha. Tem que fazer campanha conjunta da invasão do mexilhão dourado; começam a focar as instituições estaduais e municipais.

No Canadá as ações são muito mais voltadas para a educação e voluntariado, enquanto que a americana, para a fiscalização. É importante pensarmos desde já o futuro, para pensarmos também as nossas ações hoje: como vamos estar daqui a 50 anos? Tem programa de pesquisa entre a CETEC e UFMG para desenvolver mecanismos de monitoramento.

Dificuldades de articulação com o Governo Federal gera problemas de gargalo em relação à extensão de espécies e o número de pesquisadores, por exemplo. Por isso é necessário focar em resultados, pois não temos tempo, dinheiro e pessoal para fazer programa tão extenso. Devemos focar nas características da nossa espécie: como nossas espécies nadam, como são confundidas pelo turbilhamento da água, etc. Nossas espécies têm um ciclo totalmente diferente das espécies do Canadá: descobrimos isto a partir da parceria com a UFMG, a partir da RADIOTELEMETRIA.

A Lei atual deve ter mecanismos de transposição. Lá vimos escadas para ajudar os peixes a subirem o rio. Idéia de chegar próxima a isto, aqui. Vimos uma estação de piscicultura focada no ambiente: tamanhos ideais de soltura, variabilidade genética. Neste lugar, no Canadá, há uma estação que trabalha só com voluntariado, tem ambiente adequado para desova dos peixes, não custa muito e é simples. Existe no rio, lateralmente à barragem, esta estação só para desovar. Lá eles têm uma relação mítica com o salmão. Procuram fazer a

melhoria ambiental, e depois, mostrar à população. Tem representantes da tribo indígena que, mesmo não concordando com o programa na parte ambiental da hidrelétrica, participam do projeto. Existem programas corporativos: Casa Aberta – mostrar ganhos ambientais e programas ambientais das empresas, acontece uma discussão aberta do que deve ser implementado, etc. Isto foi conseguido com muita discussão / briga. Lá há uma política voltada para os povos indígenas.

CONCLUSÕES: Podemos desenvolver:

- (1) Programas específicos para os assuntos dos impactos ambientais, com resultados focados;
- (2) Modificação de processos e resultados – medição;
- (3) Integração de diferentes estratégias; integração de equipes – engenheiros e pop. Governo, comunidade; discutir a área que vai ser impactada com a sociedade local. Ficou com contato direto com as instituições que conheceram no Canadá.

Termina agradecendo à CIDA, pois esta viagem ajudou bastante a CEMIG. Vão começar a apresentar para órgãos internos da CEMIG este trabalho, com o objetivo de focar e buscar integrar os setores internos ao projeto.

(2) NORBERTO DOS SANTOS (COLÔNIA Z5) – A viagem foi uma ótima oportunidade para conhecer várias experiências com os pescadores de lá. Encontrou-se com outras pessoas do Brasil na viagem, que não teria a oportunidade de encontrar por aqui, se não fosse o projeto. Nunca, na vida, teria esta oportunidade de viajar: o que o projeto fez, isto não é resultado garantido, pois lidamos com gente. Porém, nos trouxe aproximação com a polícia ambiental, fez uma aproximação muito grande, pois antes era gato com rato; ajudou com as leis (modificar leis, etc.) sente-se triste pelo projeto ter só mais um ano. Acha que seria hora de juntar todos nós para dar continuidade; as várias visões vão surgindo com o andamento da coisa; hoje chegamos em vários lugares com o pessoal do Canadá e sentimos que somos uma família; resultados são satisfatórios até agora. O projeto nos ajudou a andar até agora. Mesmo com os erros. No Canadá há preocupação tão grande com rios e peixes e a comunidade; está precisando demais de boa vontade; aqui está meio falha; precisamos nos unir; eles precisam continuar conosco. O brasileiro é meio folgado; eles trabalham 24 horas por dia; se eles saírem, perdemos a condição de andar; enviar uma carta para a ONG. Solicitar renovação do projeto.

(3) MÁRIO TALLARICO (IBAMA) – Inicia fazendo críticas ao projeto: os eventos são feitos a toque de caixa; ficou meio perdido com a programação; há pouco tempo o IBAMA não tinha idéia do que significava este projeto; funciona como catalisador de entidades etc. Por outro lado, tem percebido uma maior participação e envolvimento dos pescadores; a idéia do IBAMA é rever toda a legislação pesqueira ordinária de MG e não só o S Francisco. Ficou pendente o 3º sub-projeto: garantir o recurso pesqueiro. A implantação disto é o que está complicada. Isto passa pela aplicação da legislação que já existe (APA). Comenta que também esteve no Canadá: percebeu que lá aparece mais a ênfase à recuperação de águas do que de peixes. Para ele, isto vai de encontro ao que pensamos. Espera, até quando for embora, implantar os recursos pesqueiros.

(4) MARCELO COUTINHO – (IEF) – Começou a trabalhar no PPA em Três Marias num momento de bastante conflito: havia a situação de um decreto que estava há 03 anos para se adequar. À época de sair o decreto, estava no Canadá; aquele saiu com um artigo ruim. Tiveram que lutar por mais um ano.

Com relação à pesca amadora, afirma terem feito várias parcerias – integração ao IEF com a polícia ambiental e os pescadores amadores; o único ponto falho: como em todo conflito, quem tem mais recursos, é quem pratica, neste caso, a pesca predatória; não conseguiram avançar nesta questão que é social.

Tem facilitado reuniões estratégicas de co-gestão; tem tido contato com as comunidades e articulado com a comunidade em geral, órgãos públicos e universidades. Porém, com relação à questão da inclusão social, a Secretaria Especial de Abastecimento e Pesca (SEAP / PR), tem uma ação muito pequena, mexe mais na parte política, participa muito pouco; o IBAMA até hoje não tentou discutir a relação com a gente. Não deixou o Governo do Estado ter uma atuação com as 17 bacias como queria, pois a legislação não contempla adequadamente cada uma delas.

De outro lado, por meio de intercâmbios conseguiu aplicar várias coisas em situações de conflito, como a pesquisa, buscar um maior relacionamento com as pessoas – gestão participativa. É da opinião que a comunidade tem que se responsabilizar também, pois a Polícia Militar Ambiental (PMA) não tem como fiscalizar também. São quase 1200 homens para todo o Estado. Por isso defende a integração entre os órgãos – IBAMA, prefeituras, etc. Mas tudo isto depende de quem está no comando destes órgãos, pois cada um interpreta a lei de um jeito.

Conquistas do projeto: (1) estreitamento dos laços com quem tem algo em comum; (2) confiança adquirida dos pescadores amadores; (3) amizades feitas. Tudo isto valoriza o parceiro para a conservação dos recursos (comunidade – fazer a legislação com eles). O monitoramento conjunto está funcionando bem, principalmente em Três Marias. Desafio: fica difícil fazer gestão daquilo que não se conhece; e a conservação do bioma das lagoas marginais.

(5) ALEXANDRE GODINHO (UFMG) – Refere-se, inicialmente à condição de pesquisador antes deste projeto: conhecemos muito pouco. Com o projeto passamos a conhecer muito mais. Hoje entre 2 e 3 anos conhecemos a migração de peixes, graças ao workshop realizado por meio do convênio bi-lateral: pessoas treinadas para desenvolver técnicas modernas para estudar a migração. Neste workshop percebeu que a transferência de co-gestão da pesca da bacia amazônica é fundamental. Existe uma tentativa de aglutinar diferentes atores em busca de atitudes e linguagens comuns. Sobre a água: peixe precisa de água, sem ela não é possível a pesca. No São Francisco podemos usar técnicas para melhorar a qualidade tanto da água como dos peixes (lagoas marginais); para fazer são necessários fóruns para se conscientizar sobre estes diversos assuntos.

DEBATE

(1) CEIÇA (Prefeitura 3 Marias) – Parabeniza os expositores. Diz que agora, eles puderam entender, finalmente, como foi a viagem para o Canadá. Refere-se à fala do representante do IBAMA, fazendo uma correção: os pescadores é que chegaram ao IBAMA. O PPA de fato propiciou este espaço, mas isto não quer dizer que eles nunca se dirigiram e participaram desta discussão. A questão é que antes, as entidades eram antagônicas.

(2) MÁRIO (IBAMA) – Referindo-se à questão da CEIÇA: na época era o SUDEP, que não era contrário à pesca. Mas os resultados não eram satisfatórios. Com a publicação da lei estadual, o IBAMA ficou alijado deste processo, tanto por parte da sociedade, como do próprio IBAMA.

(3) ANDRÉA – Fala enquanto órgão público municipal: como anda essa união entre estes órgãos e a comunidade? Afirma que eles estão muito distantes da comunidade: o IBAMA caminha para uma melhoria, para uma integração entre as entidades. Sugere criar um ciclo de oficinas com o IEF para percorrer os agrupamentos para discutir a interpretação da legislação.

(4) MÁRIO (IBAMA) - O pessoal de Três Marias tem uma forma de interpretar e de (...), de uma forma que a gente discorda. Lá, eles procuram o comandante.

(5) JOÃO (CEMIG) – Comentando a fala da Andréa sobre a articulação entre os órgãos e destes com a comunidade: “O que vimos no Canadá é a existência de uma ONG mediadora”.

(6) JOSÉ NILTON FERRAZ – Para ele, o Marcelo tocou no ponto crucial do PPA: hoje, só nos sentamos para conversar graças ao PPA. Falta chamar para conversar os pescadores da pesca amadora; a participação do pessoal da Votorantin é muito importante. Falta os órgãos fiscalizadores sentar para conversar também.

(7) FRANCISCO (UFMG) – Pergunta para o João, se já teve contato com os resultados das ações de manejo, e se já começou a acumular para o Brasil.

(8) JOÃO (CEMIG) – Lá todo projeto é caminhado para resultados...

... É interrompido por Yogi – explicar esta situação das escadas. Marcelo – complementa

(9) FRANCISCO (UFMG) -... Parte genética, estação agricultura, etc.

(10) JOÃO (CEMIG) – A questão pouco é um pouco difícil. Só num rio dos EUA que visitamos, você tem 1.200 pesquisadores. Aqui, em Minas são 70 para o Estado todo. A CEMIG vai tentar colocar na forma de protocolo (fazer um apanhado público do que deve ser feito). Com o protocolo busca definir bem, quais as estratégias a serem utilizadas devido aos baixos recursos. Na transposição estão caminhando (estação piscicultura); na instalação de Área de Proteção Ambiental, não tem projetos definidos sobre isto. Precisa ser feito de forma mais pragmática; tudo tem que ser feito de forma mensurável; nosso modelo de gerenciamento tem muitas barreiras para chegar aonde a gente quer. É possível mostrar como fazer a restauração. Os protocolos estão ajudando.

(11) RAÍ (IARA / SANTARÉM) – Faz uma pergunta para Marcelo do IEF: com relação ao projeto de co-gerenciamento de recursos estamos aprendendo com o PPA e outras experiências no Brasil. Uma das formas é sentar com estes parceiros e identificar a finalidade destas instituições (para que elas foram

criadas?). Claro que com a preocupação de identificar o papel delas em cada localidade. Precisamos tentar entender a questão dos temas que foram colocados dentro do PPA. Existe um esforço de se criar um grupo – tem algum instrumento legal para se criar este grupo?

(12) MARIA INÊS (UFSCar) - Comenta sobre a importância do salmão para cimentar as relações sociais naquela região do Canadá. Aponta as contradições no nosso processo: o projeto poderia ajudar a resolver a que medidas tomar; que os surubins e dourados sejam alçados a figuras emblemáticas para salvar o rio. Existe esta possibilidade ou somos impotentes?

(13) (???) - a integração entre órgãos, foi feito através do projeto – primeiro fórum da pesca. Neste fórum revelaram-se as dificuldades que os pescadores têm e os demais órgãos começarem a se olhar.

Os amadores não aparecem, são convidados e têm uma responsabilidade em retirar o estoque. A gente sabe que as leis de pesca são feitas por amadores que exploram e não preservam os recursos; e nós não temos representantes discutindo as leis. Se for necessário rever estas leis, os pescadores poderão participar disto aqui; devemos ter a confiança que serão chamados e, aí, poderemos ter uma efetiva participação.

(14) DANIEL (ABC) – qual a solução para ter maior integração entre os órgãos ambientais? Temos problema para tratar das populações ribeirinhas. Ninguém assiste a esta população em nenhuma esfera de governo. Isto se repete não só nas barragens. Como se pode incluir neste projeto, ampliar a participação, e institucionalizar este espaço?

(15) MÁRIO (IBAMA) – Cada órgão dirigente deve perder a vaidade de estar à frente do processo. Se um órgão estiver mais aparelhado, que se submeta a este. É necessário mudar uma série de paradigmas. Acho que é tentar, não saberia de outra forma. Não adianta chamar os representantes da pesca amadora. Temos de trabalhar junto aos pescadores amadores, no período do final de semana, feriados, etc. Períodos de aglomeração, discutir, conversar expor.

(16) MARCELO (IEF) – No novo decreto da pesca saiu um artigo que não pode deixar de consultar os pescadores profissionais; grupo criado com o IBAMA – eles ficam como coordenadores; e não tocam nisto; prioridade do governo é arrecadar, portanto incentiva só a fiscalização.

(17) NORBERTO (Colônia Z5) - Na época da SUDEP tínhamos mais apoio. Uma notícia no jornal, e a SUDEP foi extinta por questões políticas. Eu já meti o pau em todas as instituições. Hoje eu passei a entender que tudo é político, quem é o (...) IEF não está nem aí. Hoje tomo café com todos eles, eles vão lá em casa. (...) O IBAMA estando fraco a polícia não vai dar assistência aos pescadores. Se não houver um consenso entre estas instituições, só os pobres infelizes não darão conta e a polícia ficará perdida nesta história. O Estado assume, mas sem condições. No IEF e no IBAMA os diretores cruzaram os braços e estão enfraquecidos.

(18) HÉLIO (Votorantin) - São resultados muito interessantes. Diz ter todo o interesse em participar> Sabe que tem sua contribuição e responsabilidade. O maior ganho será para todos nós, que estamos preocupados com o S. Francisco.

(19) RAIMUNDO (FEPESCA) – O que falta nas relações entre estado, união e município é uma integração. Mas esta aproximação ainda está um pouco distanciada. Estamos num país em que não se investe em pesquisa, quer seja na esfera federal, ou estadual, ou municipal de pesquisa. Por isso, precisamos inserir nestes espaços estas entidades (um conselho). Sair da política que desconstrói este nosso país. O IBAMA precisa fortalecer o setor para o gerenciamento da questão da pesca e ambiental: quais são as pisciculturas aqui desenvolvidas no estado.

Mesa temática II – GÊNERO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO.

ANDRÉA ALVES (Secretaria Esporte, lazer e Turismo de S. Gonçalo do Abaeté). Apresenta a região Três Marias e o município onde trabalha. Comenta que a Prefeitura de Três Marias é parceira em todas as ações do projeto de desenvolvimento comunitário que lá desenvolvem. O projeto também é desenvolvido em parceria com associações de moradores, a Secretaria Municipal Assistência Social, a Votorantin Metais, a Prefeitura de Três Marias, e algumas empresas privadas.

(1) Eixo principal do trabalho: desenvolver ações para turismo sustentável. Este só poderá acontecer se houver a participação da comunidade. Atividades realizadas: participação no PPA e comunidades, visita-convite para o envio de uma missão técnica a Sto. André (SP). Nesta visita puderam relacionar o Beira-Rio e Paranapiacaba: a realidade geofísica e a ocupação do espaço pela população é muito próxima. O principal diferencial está na arrecadação: aqui é mínima, se comparada a Santo André. Por isso fazer algum trabalho, só por meio de parcerias. Assumimos, depois da visita de Sto. André a questão social. Vivemos no início, uma situação que parecia ser de impasse: o impacto na população local em virtude da presença das pessoas de fora, que não participavam da comunidade. O impacto era o do por quê. Os que vieram de fora estão trabalhando aqui?, eles perguntavam. Mas aceitação da comunidade do Beira Rio foi boa. O PPA veio em direção às nossas necessidades e anseios.

Estabelecemos os primeiros procedimentos: fazer cadastramento das famílias, pois não tinham nada. Foram atrás de diferentes órgãos buscar dados. Priorizaram 3 bairros e 1 sub-distrito para realizar o levantamento familiar e sócio-econômico.

Voltaram cheios de idéias e esperanças deste trabalho. Realizaram duas oficinas de ações comunitárias – houve aproximação com a comunidade; depois houve aproximação com lideranças locais de todos os segmentos. Foram feitas reuniões para identificar o que queriam do projeto, dividiram oficinas por cidades e pela primeira vez, se sentou na mesma mesa a comunidade e o setor público para discutir o que as comunidades precisavam. Fizeram um mapeamento, a partir do curso de bio-mapeamento. Isto os ajudou a conhecer as pessoas e mais ainda, as necessidades do local.

Buscaram a Votorantin Metais: primeira parceira para discutir a educação ambiental. Relata a vivência de um passeio pessoal pelo rio com os filhos – viram muita sujeira, etc. Me perguntei diante do espano dos meus filhos: mas as

peças de lá conhecem o rio? Propiciaram este passeio a eles (os moradores) e detectaram os mesmos problemas. Decidiram realizar uma campanha permanente para as pessoas cuidarem do rio, da preservação das matas ciliares, evitarem incêndio, jogar lixo, etc.

Buscaram parcerias com outros órgãos públicos, reativaram e regularizaram da associação dos moradores do bairro Beira-Rio. Foi o maior avanço na relação com o poder público. Eles estão participando. Tornaram-se mediados junto com o PPA. O mesmo aconteceu junto à Associação de Pontal do Abaeté, Nova Esperança: o trabalho está todo sendo registrado. Neste processo, criaram a Associação de Jovens do Beira-Rio. Na primeira reunião participaram 11 jovens, na segunda, 43. Estão empolgados querendo ver o bairro se desenvolvendo. Querem capacitação, não querem viver só as coisas que os pais viveram. Próximos passos: manter a secretaria e criar a agência de turismo comunitário. Já enviaram um projeto para a secretaria estadual. Vão começar a implantar um programa de jovens, e realizar um encontro de mulheres. O impacto da nossa participação é muito maior do que se imagina: prestar atenção no quintal da sua casa, na vida que eles levam, etc. O projeto hoje se pode dizer, chama-se pescador de homens, não só de peixes. Agradece a oportunidade de estar nesta parceria. A dimensão dele é muito grande, sobretudo na questão social.

DANIELE FERREIRA (Barra do Guacuí) – Do processo iniciado ficaram de escolher alguma coisa que levasse adiante, o desenvolvimento da comunidade. Tivemos a sugestão da FEIRA-LIVRE e a Casa do Artesão. Escolhemos o primeiro, pois amplia a participação. A feira já foi montada, a prefeitura e a EMATEC já se dispuseram a apoiar estes projetos. A feira fica num local de referência na cidade, principalmente enquanto um espaço de escoamento para o pessoal das ilhas. Aí podemos trazer e tentar envolvê-los para a entrega de produtos para comercialização.

GERALDO REIS (Colônia de Buritizeiro) – Não foi procurar o projeto, foi procurado em casa. Quando nos encontraram (o pessoal do projeto, pela primeira vez), nem ele sentiu a origem do impacto pessoal, descobriu que estava sendo trabalhado. Fazia um papel da Igreja de conselheiro. Passava o dia todo na Igreja. Não entendia que tanto poderia fazer dentro, como fora da Igreja, o trabalho com os pescadores. Aí veio uma resposta numa Oficina. Nesta, não falou quase nada, ficou observando. Depois da oficina foram surgindo os efeitos: ajudou a pensar em como desenvolver o município, pequeno, só de pecuária e pesca. Chegou perto do prefeito, que abriu as portas e logo começamos a trabalhar. Começaram daí os verdadeiros diálogos e entendimentos: começou a entender que sair do trabalho da Igreja, ser luz, ser cristão, mas para além do trabalho das quatro paredes da igreja. Por isso, o projeto só nos ensinou. Não devemos esperar muito tempo para pedir – sonhar – projetar e acontecer – precisamos fazer isto; a partir deste projeto tem um projeto a ser desenvolvido que é o PESCARTE lá em Buritizeiro no mês de novembro; sensibilizou tanto o município que eles cobram, querem estar junto fazendo, estão programando tudo. O Prefeito me disse: você procure a sede que a gente pode fazer onde você quiser. Veio com espírito de gratidão ao projeto. Este projeto deu tudo para nós. Olhou muito nos olhos da Taís, Ana Thé, Inês, chegavam tão cansadas, mas elas vinham, assumiam um compromisso.

ROSA (Secretaria de Turismo de Três Marias): Descobriram, nestes seminários que realizaram, as prioridades do município: tem de 12 a 15 bairros. O sonho é trabalhar lazer para todos, incluindo a comunidade de pescadores. Organizaram e viabilizaram num bairro um cinema. Fizeram uma carta-convite para cada bairro, com o objetivo de envolver as associações de moradores de cada bairro. Foram convidadas oficialmente, 02 pessoas de cada bairro esperamos envolvê-los como multiplicadores e envolver os demais. O cinema é um meio para isto.

THAÍS (UFSCar) – todos os projetos foram desenvolvidos nas primeiras oficinas de Gênero e Desenvolvimento Comunitário; ressalta, com a fala do Sr. Norberto da necessidade de existir este monitoramento, pois construímos este projeto juntos, mas o que fazer agora ? O monitoramento deve evitar que o projeto morra. Como fazer que este ritual de passagem seja menos dolorido depois que acabar este projeto? Como fazer estas parcerias? (...) fica emocionada, pelos projetos tão lindos.

QUESTÕES E COMENTÁRIOS FINAIS DA MESA:

(1) ANDRÉA (S. Gonçalo): destaca da sua fala, a questão dos jovens. Segunda ela, eles coordenam as reuniões, e a partir de cada reunião para a seguinte, eles coordenam as ações e as reuniões. Os jovens são quem estão organizando a demanda deles. Os cursos muitas vezes são feitos longe da realidade da população (SEBRAE, etc.). Cada reunião é um jovem que coordena.

(2) ROSA (Prefeitura de Três Marias) – No grupo de gênero e desenvolvimento comunitário, deveria ser montada uma diretoria para organizar e coordenar o projeto.

(3) ÉRIKA (UBC-CHS) – Destaca a vantagem desta integração entre o Canadá e o Brasil: replicabilidade de projetos. Disto, as lições aprendidas são as mesmas (Sto. André, S. Francisco). Estamos perseguindo a meta de colocar os parceiros juntos, para não inventar a roda. Precisa promover a disseminação destas informações chaves: capital social – potencial das pessoas construírem as coisas – colocar todo mundo junto para as coisas começarem a andar. Estas oficinas foram feitas há pouco tempo e já temos ações, e praticamente sem recursos. A capacidade de mobilização da comunidade é infinita.

(4) JULIANA (ABC) – painel foi rico demais, muito bom. Promoção de intercâmbio, vários mecanismos de longo prazo, e médio prazo. Ele é uma junção de todo este conhecimento dos vários projetos com o Canadá: temos aí, janelas de longo, curto e médio prazos. Anuncia ações para ajuda do seminário, do fortalecimento da parceria: fundo de igualdade de gênero. Projeto LIGA BRASIL - ações / transferências dentro do próprio território brasileiro, e também entre os países que não o Canadá: saúde, governança e mundo do trabalho. Principalmente a região NE, mas também regiões metropolitanas; site www.abc.mre.gov.br Procurar por Canadá e há cinco folhetos lá dentro.

Mesa Temática III - EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

CATHY CAROSFELD (WFT) – Apresentação em slides (ver anexo). Apresenta o processo de trabalho iniciado desde março, por meio de um levantamento dentro da área do projeto. Visitaram escolas e comunidades para ver que recursos existiam nestas áreas e quais as preocupações que as comunidades tinham. Dentro do levantamento fizeram recomendações para o que se pode ser feito. Aqui, temos muitas coisas em comum, objetivo semelhante e ferramentas quase iguais (livros, folhetos, atividades pontuais no campo, palestra, ida a uma visita específica no campo, etc.). Existem desafios semelhantes: falta integração entre as atividades que tem a ver com o meio ambiente, e a falta de continuidade. Por isso o foco deve ser em transferência de informações: deixar as pessoas descobrirem, refletirem, ao invés de se prender aos conceitos. Tivemos de enfrentar situações com as professoras, que entenderam a visita de campo como um dia de folga. Precisamos pegar algumas ferramentas para dar esta continuidade, isto é, desenvolver capacidade de tomar decisões, ser uma aprendizagem que é constante – paixão para aprender. Ferramentas utilizadas: a primeira foi o Aquário-marinho nas escolas. Para todos conhecerem (crianças, etc.). Este projeto propicia uma ação emocional, pois os alunos fazem a manutenção (cuidam do espaço, alimentam os animais), e é permanente (cuidam mesmo assim durante as férias). São os alunos que cuidam, eles às vezes ensinam às professoras. No Canadá usam estas ferramentas até no ensino médio. A aprendizagem transversal é muito forte. Lá atinge até 90% dos currículos das demais matérias. Resultados: até 90% do currículo das matérias (1ª a 8ª) e ensino médio Neste é mais difícil, embora as atividades no campo ficam mais afetivas. A segunda ferramenta foi as maquetes de bacia hidrográfica. São representações tridimensionais da bacia local. Resultado: construção participativa, interativa e transportável. O uso da maquete contribui para melhorar o entendimento de problemas das bacias hidrográficas e corrigi-los. A comunidade pode mostrar recursos que têm e suas propostas. Exemplo *Rocky Bay*: os alunos viraram multiplicadores, passam para a comunidade o que aprenderam e melhoram o ambiente da comunidade. A educação é a base de tudo. É importante começar este processo desde cedo com os jovens. Na semana que vem, começamos o trabalho (formar professores multiplicadores). Precisamos, no projeto, garantir a transversalidade da educação ambiental.

BARBARA JOHNSEN (PPA) – fala da falta de envolvimento e de recursos do governo brasileiro. Foram dois projetos aprovados que fizeram para o Ministério da Cultura (Pontos de Cultura – Literatura roseana). Espera que o governo brasileiro cumpra com sua palavra, com sua contra-parte. Propõe a formação de uma equipe para acompanhar a aprovação / liberação destes recursos (UFSCAR, FEPESCA,). Que a CIDA e ABC possam retomar estas coisas. Fazer força-tarefa em conjunto. Fazem trabalhos com a CPT (levantamentos de projetos sociais, no Alto, Médio e Baixo São Francisco). A WFT disponibiliza recursos para que se acompanhe estes encontros. No próximo encontro vão apurar prioridades de projetos que a CIDA tem interesse de trabalhar no baixo S. F. Que é muito pobre. A outra questão é cultural: procuram resgatar através de semanas culturais do meio ambiente, – encontro bordadeiras do cerrado, com as pescadoras do rio SF ETC. É necessário que se dê continuidade a isto. Preocupação: fragilidade na área de comunicação – 03 pessoas do Canadá não conseguem adequar a produção devido à escrita.

CEIÇA (PPA / Colaboradora e PREF. MUNICIPAL DE TRÊS MARIAS) – trabalho que está desenvolvendo está na área de comunicação e estratégia integrada em Três Marias. Transformou-se, a partir de então, em Peixes, Pessoas e água. A partir da UFSCar é que puderam tomar contato com este projeto grandioso, promovendo o diálogo entre os diferentes atores. Registra a relação disto tudo com a história da cidade, a busca de identidade da cidade desde o período de JK. Vem a indústria Votorantin, e instala sua indústria de base. Deixa intrinsecamente ligada esta questão em relação ao projeto. Em 2001 acontece a instalação em Três Marias, da Secretaria do Meio Ambiente. Abriram a prefeitura para toda a logística do projeto. Contra-partida foi substancial além do logístico: instalaram uma rádio comunitária e abriram, junto com a Prefeitura Municipal, o contato com a TV local – retransmissora da Rede Cultura de SP, com o único jornal local (O sertanejo), e montaram um contrato com uma rádio comercial, apresentando o programa: O município e você - Institucional da Prefeitura Municipal. A rádio comunitária retransmitia notícias a cada 30 min. Notícias sobre o Brasil e o mundo, da cidade e das questões ambientais. Chamava-se dicas 87: só de meio ambiente, urbanidade e de meio ambiente. Seu trabalho foi o de tentar fazer a ponte entre as comunidades e a Prefeitura Municipal: por meio de alguns acompanhamentos, viram as pessoas ouvindo o rádio. Montaram 01 página do jornal chamada (.....) Recados pelos 04 programas, TV e jornal. Mais: cartazes, panfletos, painéis, outdoors que não foi aprovado e foi retirado. Atualmente também promovem palestras nas escolas, montam bibliotecas nas escolas, vão como colaboradores do PPA, e como funcionários da Prefeitura de Três Marias. Contato com os estrangeiros: tem feito o trabalho de esclarecer quem são, para quebrar a desconfiança na comunidade, como também ao modo de ser dos mineiros. Trabalho de intercâmbio das pessoas terem a vez e a voz no rádio e também nas reuniões. Isto foi uma conquista do PPA. É uma grande vitória que a gente escuta das comunidades, com o povo mais simples. Trabalha a divulgação através das festas comunitárias, e de outros projetos que estão sendo desenvolvidos (pontos de cultura, etc.). Nas festas o PPA está sempre lá.

JASON (WFT – Canadá) – Trabalhar tridimensionalmente pode ver melhor o efeito no meio ambiente. Explica o jeito da construção: reprodução na maquete impermeabilizada dos terrenos, a água e os agentes poluidores; você pode ver os efeitos no rio, do lançamento dos poluentes. Nesse modelo, se introduzem tipos de poluição que vão alterando a cor da água; as pessoas trazem diferentes objetivos e informações, mas todos estão querendo preservar o meio ambiente. Assim todos podem usar esse modelo de bacia tri-dimensional, trabalhar com as crianças desde pequena com relação aos agentes externos e o meio ambiente. Projeto vai começar a trabalhar com crianças pequenas, começando a construir a micro-bacia que eles conhecem; depois com os jovens, mas numa dimensão maior de bacia. Aqui se viu uma representação muito grande de várias profissões, biólogos, etc. O que ele não tinha visto era a representação dos jovens, pois são eles que vão levar isto.

DEBATE

(1) DANIELE (Colônia Z1) - Os jovens conseguiram 450 mudas. Eles plantaram e a própria prefeitura arrancou as mudas que eles tinham plantado. Mobilizaram-se

e enviaram um abaixo-assinado; fizeram isto porque estavam asfaltando alguns locais e acabaram passando as máquinas. Vão replantar a área e vão plantar na beira do rio.

(2) JOSEMAR (Colônia Z20) – Ressalta a preocupação com a questão do jovem. Hoje a gente vê que nós só aprendemos a explorar, sem procurar preservar os recursos. Nós não tivemos isto (educação ambiental) em nosso tempo.

(3) TAÍS (Pirapora) – 80 a 90% dos jovens filhos dos pescadores estão procurando outras atividades que não a pesca. Com esse trabalho eles estão retomando esta discussão para encontrar alternativas na localidade.

(4) BARBARA (PPA) – Não pode fazer um projeto Ibiaí - Manga e pegar todo esse contingente que foi capacitado para dar oportunidade para os pescadores deste eixo? Realizamos oficinas de homens e mulheres. O projeto era previsto até Manga, a questão é estender para as outras áreas, fazer oficinas para capacitar as comunidades para elaborar projetos dirigidos para a CIDA.

(5) ÉRIKA (UBC-CHS) – Existe uma cartilha do projeto que amplia a elaboração dos projetos para outras agências.

(6) RAI – Pergunta para a mesa: qual o impacto das duas oficinas que aconteceram nestas comunidades?

(7) CEIÇA – foram para Santarém. Fizeram duas oficinas de repórter comunitário em MG – vai dar mais rendimento em S. Gonçalo e nas comunidades de Ibiaí, etc. Pirapora, respostas mais positivas dos repórteres comunitários; está sendo lançado o primeiro jornal comunitário com o apoio da Prefeitura de S. Gonçalo do Abaeté, Beira-Rio.

(8) SARAH (WFT) - Já aconteceram reuniões e vai dar encaminhamentos no Beira-Rio. Formou-se um grupo para fazer um programa escrito. Grupos de jovens estão linkados com este grupo.

(9) ANA THÉ (UFSCar) - Nova juventude começou a requisitar de nós, estes projetos. Mudaram a estratégia: vão passar para a forma de jornal (Pirapora) cada hora é um grupo novo de juventude que quer ser capacitado.

(10) JOSEMAR (Colônia Z20) – Precisa multiplicar estas oficinas ao longo do rio; envolver todos os ribeirinhos ao longo do rio (discutir os filhotes deste projeto). Como estender a educação ambiental para o resto do rio.

(11) CEIÇA - Tem coletivos de educadores em Três Marias, Ibiaí e (...) É necessário formar processo ambiental específico. Fazer o primeiro curso de extensão em educação ambiental. Projeto do MEC está sendo desenvolvido mesmo: por meio do Programa Nacional de Educação Ambiental.

(12) FRANCISCO (UFMG) – fazer parceria com a UFMG e PUC nestas técnicas diferenciadas principalmente para os estudantes de biologia. Com mostra de trabalhos para as professoras.

(13) ÉRIKA (UBC-CHS) – Tem um problema interno entre os sistemas de ensino.

Mesa temática IV - Co-manejo da Pesca.

ANA THÉ (UFSCar e UNIMontes - Apresentação em slides): PROJETO PELA IFC E WFT para trazer experiências da Amazônia, onde aconteceu a mais duradoura gestão participativa dos recursos naturais e não só a da pesca. No âmbito do PPA isto também se dá. Este projeto é muito mais sobre participação do que pensar o aproveitamento em si dos recursos;

Partiram de problemas em comum: conflitos com órgãos governamentais, diminuição do volume de peixes, falta de informação de estoques de peixes, diferentes grupos de usuários, mais os pescadores clandestinos, amadores, profissionais, etc. Objetivo: trabalhar com as colônias, rumo a uma co-gestão, seguindo o princípio da descentralização. No Brasil, as entidades decidem as regras (IBAMA), etc. Aquilo que está no papel não tem sido cumprido, mas as comunidades dizem que mesmo aquilo precisa ser modificado. Precisa re-inventar, mas não pelo Estado. Ele precisa abrir espaço com as comunidades, através de representantes eleitos nas suas bases, mais dinâmica e participativa. Descentralização, democratização, empoderamento e fomentar a equidade. Esta é a base do projeto da Amazônia. Trabalha com pesquisa-ação, acompanhamento, monitoramento e avaliação, disseminação destas aprendizagens. CIDA foca mais a ação, já o IDRC puxa mais para a pesquisa.

Questão colocada para o manejo: regras do uso dos recursos têm que ser acordada por todos os usuários, pois caso contrário, as regras não serão cumpridas. Fazer troca entre os pesquisadores, parceiros, comunidades e financiadores. Processo participativo de gestão dos recursos naturais. Partindo da experiência entre S. Francisco e Amazônia – são instruções normativas – formalização de regras já elaboradas pelas comunidades e que são transformadas em leis. Não é um processo forçado do IBAMA. Foi um grande acerto, se aproximar da comunidade para dar apoio a ela. No São Francisco as decisões são centralizadas no estado, não são levadas em conta estas regras das comunidades, e muitas vezes são impedidas.

A lei deve ser dinâmica, no seguinte sentido: toma a decisão, age, monitora, e tomada decisão de novo.

O processo do projeto: oficinas, workshops, etc. Projeto Rumo deveria chegar até Januária, mas não teve a possibilidade devido ao tempo. O trabalho é fortalecer a autonomia dos grupos, da comunidade, garantir a equidade de gênero, e a distribuição mais justa de poder, etc.

Etapas vivenciadas (oficinas) – (ver slides de apresentação).

JOSEMAR – (Colônia Z20): Apresenta as etapas do trabalho: censo domiciliar, oficina de capacitação de lideranças locais, duas oficinas de repórteres comunitários; o primeiro fórum regional da pesca; e esperança de que algumas das questões surgidas no Fórum se tornem realidade. A atividade de retorno do censo comunitário; oficinas de revisão do projeto; oficinas de interlocução (demanda das comunidades com o governo).

THAÍS (Colônia Z01) – A primeira oficina de repórter comunitário em abril de 2004. A idéia era apresentar como funciona uma rádio comunitária, como fazer

entrevistas etc. Em Pirapora, ninguém dava confiança à nossa formação enquanto repórteres. Na segunda, discutiram com os jovens dos outros locais, e decidiram inventar o Jornal Piracema, pois não teriam grana para montar uma Rádio Comunitária. Foram a um evento na cidade, chamado Café Parlamentar, onde acontece um sorteio das entidades. Foi sorteada e não sabia o que falar. Conversou com um assessor da Câmara, que lhe sugeriu falar sobre os problemas da comunidade. Falou do projeto da Rádio Comunitária (indo para além dos bairros). Havia uma representante da empresa Liasa, que lhe pediu um jornal, para ela apresentar ao diretor da empresa. Estão na batalha. Sugestão: Z1 Pirapora – presidente: agradece ao projeto e pede continuação.

FERRAZ (Polícia Militar Ambiental) – Fala sobre a participação dos militares neste processo. Infelizmente são treinados para agir repressivamente. Isto é verdade. Esse foi o treinamento que a PMA recebeu. A gente vê que este modelo foi perdendo a eficiência. Um dilema: o que fazer? Conheceram as experiências do Canadá e de Santarém. Vão passar para a segunda fase do desenvolvimento comunitário. Ele não pode vir da imposição do órgão central para baixo, tem que nascer das bases. A comunidade precisa ter esta experiência. O nosso modelo é bem avançado, mas é bem restrito à área de segurança pública, Não pode centrar na prática repressiva. Temos que trabalhar isto, não tem uma norma neste sentido. Tem que conversar com o IEF e o IBAMA.

ANA THÉ (UFSCar) – Retoma a partir das intervenções: onde estamos. No momento de unificação das portarias, reorganização das colônias – formaram-se novas colônias -, democratização, desenvolvimento e fortalecimento das lideranças, principalmente das mulheres, que ainda são poucas, aproximação de outros usuários, formação da rede de repórteres comunitários locais, reuniões consultivas em termos do manejo da pesca, possibilidade de criação de parcerias, melhor integração entre os diferentes órgãos ambientais.

Pedras: insatisfação de alguns líderes diante das novas formas de democracia, interesse limitado de alguns dos representantes governamentais: a PMA, o IBAMA e o IEF, embora indivíduos tenham ajudado muito nisto, desvalorização da pesca artesanal por todos os atores, inclusive comunidade, falta de autonomia econômica de grande parte das colônias e a degradação do rio.

DEBATE

(01) Experiência da Unida surgiu dentro do projeto do Pró-Várzea, do governo federal. Desafio de continuidade dos projetos. Implementação de uma associação. Implantaram a partir do modelo de Minas, um projeto para captação de recursos. A questão da gestão não integrada é um problema do nosso cotidiano. Possibilidade de fazer treinamento na parte de fiscalização e gestão de recursos de forma integrada: policias, órgãos de fiscalização, IBAMA, etc., fazer através do projeto PPA.

(02) Ana Thé (UFSCar) – Constituir núcleos locais de articulação para o Ministério do Meio Ambiente está sendo avaliado. Conseguiram fazer projetos Veredas, e um com a CODEVASF. Mandaram projetos que estavam prontos. Tem coisas que não precisa de muito dinheiro, mas olhar o que já tem e trabalhar mais agendas. Gestão Participativa trouxe gente de fora. Recurso permitiu pagar transporte,

oficineiros, um fórum para 70 pessoas. Participantes chegaram a cerca de 1000 pessoas.

(03) YOGI (WFT) – Quem vai levar isto para frente? Qual parte deste projeto é mais efetiva? As oficinas? Uma colônia pode fazer a replicação para outra?

(04) CEIÇA (PPA e PMTM) – Esse projeto abriu tantas coisas, não lembrava de tantas vitórias aqui já conseguidas. Destaca o censo comunitário participativo – em Três Marias surgiu uma vontade da comunidade registrar a sua própria história. O Departamento de Imagem e Comunicação da UFSCar filmou estas histórias. Vai ser lançando em outubro, feito com as pessoas que fundaram a Comunidade de Três Marias. Uma segunda proposta é fazer um livro da história dos pescadores ou da comunidade. É um pedido da própria comunidade. Apresentaram 02 projetos ao MMA, ao PPA e EA - Trabalho de Coleta de Veredas.

(05) MARIA INÊS (UFSCar) – Uma atividade na última oficina foi a história dos pescadores. Saíram com um prazer de se sentirem construindo a história dos pescadores no Brasil. Remete-se à experiência de Sto. André. Fazer a presença do pescador na luta popular brasileira.

(06) ANA THÉ (UFSCar) – Comenta que sentiu falta da cultura da pesca pelos que trabalham com os pescadores.

Mesa Temática V – PESQUISAS E AÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS.

YOGI (WFT) – Em Santarém, na radiotelemetria, os próprios pescadores mexeram com este aparelho. Ainda estão com esta experiência, mas é tecnologia cara, estão procurando um meio mais barato. Envolver os pescadores na pesquisa, mesmo.

Outra parte tecnológica está na genética. Apoiamos uma pessoa para 01 ano no Canadá, via bolsa do CNPQ. Isto é uma coisa que demora a dar resultados. Outro passo é a avaliação de estoques, ficamos na avaliação na época em que os peixes morreram, boiavam.

HUGO GODINHO (PUC-MG) – Esse projeto de revitalização do SF talvez possa incluir esse projeto de revitalização de habitat de peixes. O projeto da PUC estaria relacionado com os projetos das lagoas marginais. Mas não tem informações sobre a possibilidade dele se realizar. Eficácia de peixamento nas bacias hidrográficas brasileiras – isto é muito questionado, as concessionárias por uma questão legal, têm programas há muitos anos, mas sem avaliação. Não conhecemos efetivamente resultados.

JOSEMAR (Colônia Z20): Nós temos este projeto em Buritizeiro. Fizeram uma das maiores operações Salva-Peixes, para a revitalização das Lagoas Marginais. O pescador tem um impasse com os fazendeiros, que muitas vezes dificultam a entrada dos pescadores nas lagoas. Minha preocupação é com o fim: o projeto é a ponte principal para termos todos nós juntos. Vale a pena nos sacrificarmos

para manter o projeto, não para elogiá-lo em si, mas para continuar dando esse processo de envolvimento.

HUGO GODINHO (PUC-MG) – Ressalta a questão da mortandade dos peixes: não fazia parte do projeto, mas a vivência desta questão, não fez que este tema ficasse de fora desta solicitação do projeto. A questão de mortandade de peixes deveria ser eventualmente, e não recorrente como na bacia do S.Francisco. Exemplo Rio das Velhas. Nós nunca tivemos a oportunidade de discutir este fato. O projeto propiciou isto, embora eu não faça parte institucionalmente. A questão da mortandade não será resolvida por este projeto, mas nos deu a oportunidade de discutí-la. Estão com uma equipe grande, tanto a brasileira, como a canadense para se chegar a uma identificação do que está ocorrendo: IEF, a PMA, a PUC–MG (com sua pouca infra-estrutura), e outras várias instituições diretamente ligadas. Próxima 5ª feira (29/09) será feita uma grande reunião com a comunidade para discutir a questão da mortandade. Nunca vi um movimento como este.

MARCELO (IEF) – Esta situação conseguiu unificar estes três órgãos dentro da SEMAB. Falta envolvimento institucional e também de pessoal para fazer funcionar as coisas. Sugestão: procurar outras fontes de financiamento, como o comitê de bacias do São Francisco e o Fundo FHIDRO.

RAIMUNDO (FEPESCA) – Há falta de integração destes órgãos, que precisam ser unificados. A presença do IBAMA deixa a desejar, esteve de manhã e agora não. Precisamos conhecer este fenômeno, o que está acontecendo: este é o momento de dar as mãos e não empurrar as responsabilidades entre os órgãos. Saiu, no decorrer deste seminário, para cobrar a presença da SEAP/PR. Disseram que não podiam mandar uma pessoa. Não se trata de mandar uma pessoa... Deixou seu repúdio e a sua indignação. Decidiram ficar de Ibiaí para cá devido ao prazo do projeto, que é três anos, por isso não entrou Januária. (...) A parte do Ministério do Meio Ambiente (MMA) que não explica porque não coloca os recursos: até hoje não trouxeram a sua contribuição. Houve um questionamento do MMA porque a UFSCar faz parte. Respondi porque o projeto foi criado por eles. Fala com emoção da acolhida do pessoal de Santarém e dos canadenses via PPA. Alteração para a lei 14.181 levou-os a realizarem uma audiência pública. Mais uma vez a pesca amadora nos atropelou. Espera que a relação entre as instituições seja um fundamento de toda uma época. Quer conhecer convênio do IEF com a Polícia Militar Ambiental, para ter uma participação mais ampla nestes segmentos. Esse foi o envolvimento que o projeto nos deu, foram estas as condições. Decreto não satisfazia a categoria, a pesca artesanal mais uma vez estava excluída. Ficamos sabendo disto no Canadá e ficamos muito tristes e preocupados com isto.

DEBATE

(01) MARIA INÊS (UFSCar): é possível fazer avaliação de peixamento sem avaliação de estoque?

(02) YOGI – SIM.

(03) MARIA INÊS (UFSCar): A mortandade pode fazer parte de um processo natural?

(04) HUGO (PUC-MG): atualmente as mortandades são conseqüências de 'mortandades' devidas ao homem, não existe natural.

(05) MARIA INÊS (UFSCar): Numa oficina em out/nov apareceram peixes mortos. O Pedro achava que era parte de um processo natural. Passados sete meses, por volta de julho, apareceram mais. Aí se viu que não deveria ser natural.

(06) HUGO (PUC-MG) – A queda de temperatura drástica do ambiente pode ser causa desta mortandade, por revolver um tipo de fungo no fundo do rio. Mas o responsável pelo que está no fundo é o homem.

(07) Houve incentivo dos ministérios para a questão do barateamento dos equipamentos de pesquisa?

(08) HUGO (PUC-MG) – TEM UMA PESQUISA NA FAPEMIG.

(09) YOGI – Amigos meus estão tentando ver isto no Canadá.

(10) NORBERTO (COLÔNIA Z5) – Há 45 anos sou pescador. E o pescador é um elemento muito ciumento. Quando for fazer as pesquisas tem que entrar em contato com todos os pescadores primeiro, falar o que vai fazer, mostrar os instrumentos, etc. Não venha ninguém falar de revitalização do São Francisco. Têm 60 comitês, que são “comem tudo”. Tem um césio 137 ali na CMM (Votorantin). Precisa tirar tudo dali. Aí sim vamos revitalizar o São Francisco com peixamento, revitalização, etc. Primeiramente é cuidar da CMM (Votorantin).

HUGO (PUC-MG) – O sonho de todos os ribeirinhos e dos que trabalham de alguma forma, é remover todo aquele lixo, capitalizar todos os recursos para minimizar os efeitos daquele depósito. Isto é uma questão quase utópica. Temos que ser menos sonhadores: a importância do pescador participar dos projetos de pesquisa, Yogi e eu, estamos totalmente de acordo. Citei 2 especificamente cuja contribuição é fundamental: (1) avaliação de estoque, que requer participação maciça de todos os pescadores; (2) da marcação de peixes ou da avaliação dos programas de peixamento. Tem que ser em processo de co-autoria.

ENCERRAMENTO 1 dia.

MURAL DOS NOSSOS RECADOS:

Co-gestão: só haverá com a pesca!

Queremos a prorrogação do PPAgua !

Em outubro estréia do filme Documentário Três Marias (PMTM/UFSCar/PPAagua).

Josemar quer dançar hoje!

Só se for comigo (Inês).

Comigo também (Ceixa).
 Não senhora (Inês).

Pescadores (as) e comunidades do trecho Três Marias – Ibiaí: agradecem a presença o esforço e a boa-vontade de todos os participantes!
 A colônia de Buritizeiro agradece a todos pelo desempenho no/do PPA.

Que o Encontro seja um reflexo da vontade dos participantes. (IARA Santarém / PA)

E-masil: juliana m. Basso: jmarfim@abc.mre.gov.br
 Daniel Brasil: drodrigues@abc.mre.gov.br

Cida – Brasília: Maria Tereza Santos: maria-teresa.santos@intrnational.gc.ca
 Simone. direito@international.gc.ca;
ana.mello@international.gc.ca
 Home page: www.ccic_ccic.gc.ca

Programa para Igualdade e Promoção da Equidade – PIPE (2005-2010)
 Longo prazo;
 Pipe express
 Pipe Intra-Brasi
 Pipe de disseminação e multiplicação
 PIPE de Igualdade de Gênero
 Pipe Trilateral

Discutir a importância do monitoramento dos projetos feitos pela comunidade e o processo de autogestão.

Belo Horizonte, 23 de setembro de 2005.
 Relator: Antonio José R. de Brito.

LISTA DE PRESENÇA

NOME	INSTITUIÇÃO	TELEFONE	E-MAIL
Daiana T. Silva	FEPESCA - MG	(38) 3754-5114	federacao@progressnet.com.br
Thais Ap. P. Lopes	Colônia Z-01	(38) 3741-7809	
Vera Lúcia Costa	Colônia Z-01	(38) 3741-7809	
Danielle E. Ferreira	Colônia Z-01	(38) 3735-5032	
Josemar Alves	Colônia Z-20	(38) 3746-1122	
Geraldo Reis	Col. Buritizeiros	(38) 3742211	
Bárbara Johnsen	ING	(38) 3754-1010	federacao@progressnet.com.br
Raimunda Queiroz de Mello	IARA / SANTARÉM	(93) 3524-2205	rqmello@uol.com.br
Daniel Brasil	ABC / MRE	(61) 3411-6818	drodrigues@abc.mre.gov.br
Juliana Martins Basso	ABC / MRE	(61) 3411-6864	jmartins@abc.mre.gov.br
Rosa G. de Carvalho	Pref. 3 Marias	(38) 3754-3952	
Andréa Alves Batista	Pref. S. Gonçalo A.	(38) 3563-3029	selturismo@yahoo.com.br
Ailton Oliveira	Pref. S. Gonçalo A.	(38) 3563-3001	selturismo@yahoo.com.br
Maria C. B. Correia - Ceixa	PPA - Colaborador Pref. 3 Marias	(38) 3754-1363	ceicaster@gmail.com.br
João Lopes	CEMIG	(34) 3313-4290	joaoml@cemig.com.br

Cathy Carolsfeld	WFT	250 386-8036	cathy@worldfish.org
Hélio	Votorantin	(38) 3754-3959	helio@tm.cmm.com.br
Adriana	Votorantin - CMM	(31) 9618-1207	adriana@a4comunicação.com.br
Francisco de Andrade	UFMG	(31) 9937-6386	fneto@icb.ufmg.br
Alexandre Godinho	UFMG	(31) 3499-2909	agodinho@ufmg.br
Mario Tallarico de M.	IBAMA	(31) 3299-0844	mariotallarico@terra.com.br
Marcelo Coutinho	IEF	(31) 3295-3614	cgpa@ief.mg.gov.br
Raimundo Marques	FEPESCA	(38) 3754-5114	
Maria Inês R. Mancuso	UFSCAR	(16) 3351-8369	inesp@uol.com.br npd@power.ufscar.br
Adailton Marques R.	PMM 3 Marias	(38) 3754-1313 (38) 8812-6003	amarquesrocha@yahoo.com.br
José Nilton Ferraz	Coord. Reg. Meio Ambiente / Montes Claros	(38) 3212-2800	3rpm-cae@pmmg.mg.gov.br
Wellington Abdon	PMA	(38) 3741-4532	sgtabdon@bol.com.br
Anne Gaudet	ACDI / CIDA	1-819-997-9866	anne_gaudet@acdi-cida.gc.ca
Penny Poole	WFT	250 – 380-7585	ppoole@worldfish.org
Elizabeth Cardoso	EPAMIG	(31) 3488-8682	elomelinoc@epamig.br
Newton Prado	CEMIG	(31) 3299-4755	newtonj@cemig.com.br
Ana Paula G. Thé	UFSCAR / UNIMONTES	(38) 3741-9779	anathecomanej@yahoo.com.br
Érika de Castro	UBC-CHS	694 – 822-5518	decastro@interchange.ubc.ca
Hugo P. Godinho	PUC MINAS	(31) 3319-4407	hgodinho@pucminas.br
Alison Macnaughton	WFT	(31) 9952-3474 /(38) 3563-3074	alison@worldfish.org
Sarah Bryce	WFT	(38) 3563-3074	sarah@worldfish.org
Jason Lasuik	WFT	(38) 3563-3074	jasuik@hotmail.com
José Antonio P.	PMMG	(31) 9666-7274	dae@pmmg.gov.br
Antonio Brito	Facilitador	(11) 3283-4734	ajrbt@uol.com.br
Nilton Odair da cruz	Colônia Z05	(38) 9907-5639	
	PM	374-3871	

REUNIÃO TÉCNICA DO GRUPO DE GESTÃO

24 DE SETEMBRO DE 2005 – HOTEL ROYAL CENTER – BELO HORIZONTE – MG.

1 - Objetivos:

- Revisão dos objetivos e prioridades.
- Identificação de Abordagens estratégicas para Gestão, Conexões e Continuidade.
- Planejamento Estratégico por tema.

2 - Programação Prevista pelo Facilitador:

MANHÃ (08:45 às 13:00): (a) fazer um levantamento por eixo temático, do que faltou ou não foi atendido pelo projeto – Produto: Quadro das Ações que Faltam ou Necessitam ser realizadas; (b) avaliação das críticas feitas ao projeto no dia 23/09; (c) Leitura e encaminhamento das propostas apresentadas na atividade do dia 23.

TARDE (14:30 ÀS 16:30): (1) Levantamento dos principais problemas do projeto na realização das propostas já apresentadas ou na realização das atividades faltantes; (2) Definição de prioridades até o final do projeto.

3 – Desenvolvimento da Programação:

3.1 – Apresentação dos objetivos e da dinâmica dos trabalhos para o grupo.

3.2 – Levantamento por eixo temático das ações e/ou atividades que estão faltando, a partir do que foi realizado.

O levantamento das respostas do grupo daquilo que está faltando foi estimulado a partir da seguinte questão:

___ Do que já foi realizado, o que está faltando?

As respostas foram escritas em cartelas individuais ou consensualmente entre os participantes. Resultado por eixo temático:

1)

IMPACTOS AMBIENTAIS
<p>Falta um comitê para definir as ações para avaliar / definir os impactos ambientais. Orientações para ajudar na organização destas ações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Levantamento dos principais impactos ambientais no Rio São Francisco, prejudiciais a pesca. • Falta definição de indicadores para medir os impactos ambientais. • Falta conhecer os novos impactos previstos para o Rio São Francisco. • Falta de estratégias para inserir novos parceiros. • Falta precisão para catalogar todos os fatores impactantes. • Falta divulgação dos impactos para construir um fato de comoção social.

2)

ORDENAMENTO DA PESCA	
Faltam políticas públicas (Estado – União – Autarquias) para o desenvolvimento sustentável da pesca e de outras atividades: setor energético.	
Faltam ações dirigidas para o acompanhamento das portarias normativas para 2005.	
Falta implementar a co-gestão da pesca.	
Falta maior comprometimento dos atores.	
Falta maior integração entre os atores.	
Faltam dados para o ordenamento da pesca.	
Recomendação para ajudar a pensar as ações em ordenamento da pesca:	
a) Necessidade de estudos técnico-científicos: espécies, idade e tamanho para reprodução das espécies;	
b) Volumetria: quantidade de espécies por ambiente e volume de pressão de captura (número de pescadores e equipamentos);	
c) Vários órgãos: IBAMA, IEF, SEAP, PPMG, EMATER: ideal uma secretaria de pesca para discutir e ordenar?	
d) Inúmeras legislações esparsas: leis federais (02 órgãos) – portarias, decreto e instrução normativa;	
Envolvimento: estado, pescador, polícia, universidade (técnicos) e projeto político.	

GÊNERO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO	
Falta reconhecimento positivo do pescador (a).	
“Gênero” ainda não é transversal.	
Falta treinamento para alternativas de renda / trabalho para as famílias. Relativo a isto:	
• Falta a mulher na elaboração do pescado (agregar valor ao produto, transformando-o).	
• Faltam estudos de mercado.	
Falta de conhecimento do impacto de trabalhos específicos de gênero.	
Falta usar a arte/cultura como instrumento de desenvolvimento comunitário.	
Falta fortalecer a participação do jovem e da família.	
Falta integrar os resultados da Conferência Nacional das Pescadoras.	
Falta estender as ações que estão dando certo. Por exemplo: Feira-Livre.	
Falta criar “grife” e marketing para os produtos já desenvolvidos.	
Faltam oficinas contínuas de qualificação dos “agentes” do projeto.	
Falta treinamento em conceitos de “Gênero” para os órgãos fiscalizadores.	
Falta apoio aos programas de alfabetização de adultos.	

CO-MANEJO DA PESCA	
Falta treinamento dos pescadores.	
Falta criar condições para multiplicar os treinamentos.	
Falta maior participação dos pescadores.	
Falta participação mais efetiva dos pescadores no ordenamento da pesca.	
Falta incluir o tema ordenamento da pesca neste eixo.	
Faltam dados para o co-manejo da pesca.	
Falta adequação de agendas: do pescador e do projeto.	
Falta de revisão do método de implementação.	
Falta do pescador na criação / implementação do projeto.	
Falta de entendimento de benefícios claros por parte dos pescadores.	
Falta do pescador amador na discussão.	
Falta capacitação para diretores das colônias na área de atuação do projeto.	

Falta participação de outros usuários na discussão.	
---	--

5)

EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Educação Ambiental ainda não é transversal.	
Falta informação aos produtores rurais.	
Falta educação específica com e para o pescador.	
Falta capacitar os órgãos fiscalizadores da pesca.	
Falta mais “apoio” aos esforços de (programas) de alfabetização de adultos.	
Recomendação para o eixo educação ambiental: * Educação Ambiental como projeto político educacional: currículo escolar e profissionalizante, condicionado à licença.	
PESQUISAS E AÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS	
Falta esforço na busca de recursos.	
Falta pessoal.	
Falta envolvimento de universidades regionais (cursos extensão, educação pública, divulg.)	
Falta integração com o comitê de Impactos Ambientais.	
Falta participação do pescador.	
Falta mais envolvimento Estado – Universidade para o desenvolvimento de projetos estratégicos com alcance prático.	
Falta história sistematizada da pesca e do pescador (Memória e História Oral) Orientações para organização da falta da história sistematizada: <ul style="list-style-type: none"> • Em cada colônia, organizar os estudos e o imaginário do São Francisco; • Em cada colônia a memória do projeto, pois falta uma “biblioteca” dos conhecimentos coletados / gerados; • Em cada colônia um centro de Referência do São Francisco. 	

Após o levantamento das “faltas” passamos à leitura das críticas feitas ao projeto na atividade do dia anterior (23/09). As críticas que foram consideradas pertinentes o grupo as incorporou neste processo de levantamento dos problemas. **No anexo 1**, apresentamos o quadro com as críticas levantadas ao projeto.

Concluída a fase do levantamento das “faltas”, passamos a apreciar, com mais atenção, os problemas já levantados sobre a gestão do projeto. Neste momento também foram aparecendo algumas cartelas que levantavam outros problemas do projeto, e que não poderiam ser contempladas nos eixos temáticos. Foram eles:

- 1) A gestão do projeto;
- 2) A divulgação do projeto;
- 3) A não transversalidade dos eixos e a necessidade de reestruturá-los.

GESTÃO DO PROJETO	
Falta pesquisa de estratégias de saída (final do projeto).	
Faltou clareza para todos participantes sobre a abrangência do projeto.	
Falta do pescador no planejamento do projeto.	
Baixo poder de renda e de conhecimento do pescador.	
Falta integração do saber científico com o saber popular.	
Há falta de gestão integrada entre os parceiros	
Faltou contrapartida do governo brasileiro e articulação institucional.	
Há resistência e falta de cooperação em participar das ações da comunidade.	

DIVULGAÇÃO E PRODUÇÕES DIVERSAS	
Falta valorização dos repórteres comunitários. Os repórteres comunitários e o jornal precisam de apoio efetivos dos parceiros municipais e estadual.	
Falta promoção do projeto fora da área de abrangência.	
Falta reconhecimento dos problemas da pesca / pescadores nos meios de comunicação.	
Ausência de planejamento e divulgação da programação em tempo hábil.	
Falta: (a) produzir material escrito e traduzido; (b) adequar a linguagem ao público alvo; (c) promover a divulgação dos trabalhos (interna e externamente).	
PROPOSTA: UTILIZAR O CONVÊNIO ENTRE WFT E O IEF para MATERIAL DE DIVULGAÇÃO: produção e tradução de textos.	

Depois de um debate sobre os problemas de gestão, isto é, de como resolve-los, o facilitador sugeriu ao grupo que procurasse responder à seguinte questão: quem é o grupo gestor do projeto?

Como havia uma tendência do grupo em considerar os problemas de gestão no âmbito da comunicação interna e da ausência dos governos ou da contra-partida efetiva brasileira, o facilitador propôs uma referência para gestão: não se trata da formalidade ou de uma relação de parceria, mas de um espaço com normas próprias de funcionamento e organização, cuja principal 'missão' é a de garantir a realização do projeto conforme o previsto, ou em conformidade com momentos de reavaliação e redefinição de ações. Portanto, cabe ao grupo gestor as seguintes ações/responsabilidades:

- constituir-se enquanto um ator coletivo, com definições claras de funcionamento e de responsabilidades de cada parte;
- planejar (por meio do planejamento estratégico participativo);
- coordenar o projeto (também de maneira participativa);
- garantir a execução do cronograma de trabalho (o que não é a mesma coisa de garantir a realização de cada uma das atividades);
- convocar demais parceiros pontuais para participar de eventos, reuniões, etc.
- sistematizar e avaliar o projeto segundo periodicidade ou metodologia própria ao projeto;
- cuidar da viabilidade das ações, estrutura financeira, de pessoal, técnica, etc.
- ETC.

Nesse sentido, e diante do exposto acima, conclui-se que o projeto precisa ter um grupo de Gestão Efetivo. Houve tentativas desde o início do projeto, inclusive numa reunião específica em Três Marias no ano passado. Porém, esta ideia não foi levada à diante para o grupo por vários motivos, e a última proposta de tentar de novo no início deste ano, segundo Yogi, não foi bem aceita pela direção da WFT. Isto contribuiu para que não se discutisse mais tal situação: a ausência de um grupo gestor efetivo ou, em linguagem de planejamento estratégico, de um ATOR COLETIVO.

Nova rodada de discussão sobre o perfil das entidades que deveriam compor este grupo gestor. Na discussão, verificou-se os limites dos representantes das universidades, uma vez que eles não têm horas liberadas para o projeto. Foi proposta a seguinte composição do grupo Gestor:

- a) WFT
- b) 04 prefeituras (a serem consultadas oficialmente);
- c) FEPESCA;
- d) 04 colônias (a serem consultadas oficialmente);
- e) Entidades parceiras estratégicas: PMA, IBAMA, IEF, CEMIG e... (a serem consultadas oficialmente).

4 - ENCAMINHAMENTOS:

(1) concluir a montagem oficial deste grupo até o dia 07 de outubro de 2005. Até lá a prioridade do projeto será esta ação, seguida da preparação da reunião para a continuidade desta reunião que só conseguiu cumprir a 1ª parte, isto é, levantamento de faltas / problemas por eixo estratégico.

(2) envio do relatório pelo facilitador até o dia 29/09/05 com orientações de procedimentos para o grupo dar continuidade a este processo de revisão de objetivos, atividades e planejamento.

5 – SUGESTÕES DE CONTINUIDADE.

- 1) Definido o Grupo de Gestão, agendaria uma reunião para:
 - Organizar e montar uma agenda de trabalho do grupo a partir das indicações que fiz acima. O principal deverá ser uma sistemática de trabalho, definindo espaço de localização / reunião, sistema de comunicação interna, periodicidade de reuniões do grupo para viabilizar as ações citadas acima;
- 2) Passo seguinte: definir como envolver os demais parceiros que não fazem parte do Grupo de Gestão. Sugestão: realizar meio período de reunião para planejamento e definição de prioridades por EIXO TEMÁTICO. Nesta reunião se junta o grupo de gestão com cada parceiro específico do eixo;
- 3) Procedimentos para o planejamento ou plano de ação e definição de prioridades a partir destas reuniões:
 - Organizar um quadro, a partir de cartelas, em três partes: (1) atividades previstas para serem realizadas até o final do projeto; (2) atividades faltantes indicadas na reunião do dia 24/09/05; (3) Propostas feitas na atividade do dia 23/09 pelos participantes e expositores (VER ANEXO 2). Organizado o quadro, numa folha de flip-chart lista-se os objetivos daquele eixo a ser alcançado neste um ano restante. Começa-se a definir o que tem que continuar, o que é necessário e possível fazer neste período. Se for necessário, pode-se definir as prioridades. Em seguida, pode-se desdobrar AS AÇÕES ou AS PRIORIDADES em algumas atividades (tarefas), definindo-se prazos e responsáveis para realiza-las.
 - OBS: não existem instituições responsáveis, mas sim pessoas.
- 4) Elaborado um plano de ação para cada eixo temático, sugiro realizar uma nova reunião com o Grupo Gestor para montar um grande plano de ação, definindo tarefas e responsabilidades internas para acompanhamento, e prazos de avaliações para cada atividade. Em função disto, cada participante do Grupo Gestor organizará sua agenda. Esta, deve pertencer a todos do grupo e a outras pessoas chaves no processo de viabilização do projeto.
- 5) Acredito que isto seja suficiente, por enquanto!!!!

São Paulo, 28 de setembro de 2005.

Antonio José R. de Brito – Facilitador

Anexo 1

QUADRO DAS CRÍTICAS

(DESTACADAS PELO FACILITADOR DA ATIVIDADE DO DIA 23/09)

- 1) Eventos feitos a toque de caixa; ficou meio perdido com a programação; há pouco tempo o IBAMA não tinha idéia do que significava este projeto.
- 2) (IBAMA) - ficou pendente o 3º sub-projeto: garantir o recurso pesqueiro; implantação disto é o que está complicado.
- 3) Falta chamar para conversar os pescadores da pesca amadora; a participação do pessoal da Votorantin (é muito importante) falta os órgãos fiscalizadores sentar para conversar.
- 4) Barbara - Preocupação: fragilidade na área de comunicação – 03 pessoas do Canadá não conseguem adequar a produção devido à escrita.
- 5) Ana Thé - CIDA foca mais a ação, o IDRC puxa mais para a pesquisa.
- 6) Ana Thé - Rumo deveria chegar até Januária, mas não teve a possibilidade pelo tempo.
- 7) Representante de Santarém - A questão da gestão não integrada é um problema do nosso cotidiano.
- 8) Yogi – quem vai levar isto para frente? Qual parte deste projeto é mais efetiva? Oficinas? Uma colônia pode fazer a replicação para outra?

Anexo 2

QUADRO DAS PROPOSIÇÕES POR EIXO TEMÁTICO

(DESTACADAS PELO FACILITADOR DA ATIVIDADE DO DIA 23/09)

Impactos Ambientais

- Fazer campanha conjunta da invasão do mexilhão dourado.
- Ter programa pesquisa Cetec e UFMG: desenvolver mecanismos de monitoramento.
- Focar características da nossa espécie.
- Programas específicos para atividades ambientais – resultados focados.
- Modificação de processos e resultados – medição.
- Integração de diferentes estratégias; integração de equipes.
- Fóruns para se conscientizar sobre estes diversos assuntos.
- O que vimos no Canadá é a existência de uma ONG mediadora.

- Falta chamar para conversar os pescadores da pesca amadora e a participação do pessoal da Votorantim; falta os órgãos fiscalizadores sentar para conversar.
- Instalação de APA não tem projetos definidos sobre isto; tem que ser feito de forma mais pragmática.
- Trabalhar junto aos pescadores amadores, no período do final de semana, feriados, etc..
- O IBAMA precisa fortalecer o setor para o gerenciamento da questão da pesca e ambiental; quais são as pisciculturas aqui desenvolvidas no estado. (FEPESCA)

GENERO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO e EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

- Rosa – No grupo vai ter que ser montada uma diretoria para montar e coordenar o projeto.
 - Proposta de formas uma equipe que acompanhe a aprovação destes recursos - MINC.
 - Que a CIDA e ABC possam retomar estas coisas; fazer força-tarefa em conjunto.
 - No próximo encontro apurar prioridades de projetos que a CIDA tem interesse de se trabalhar no baixo S. FRANCISCO
 - Resgate através de semanas culturais do meio ambiente.
 - O projeto era até Manga: estender para as outras áreas;
 - Fazer oficinas para capacitar as comunidades para elaborar projetos dirigidos para a CIDA.
- . Multiplicar estas oficinas ao longo do rio; envolver todos os ribeirinhos ao longo do rio (discutir os filhotes deste projeto). Como estender a educação ambiental para o resto do rio.
- . Fazer parceria com a UFMG e PUC nestas técnicas diferenciadas principalmente para os estudantes de biologia. Com mostra de trabalhos para as professores.

Co-manejo de Pesca.

- Possibilidade de fazer treinamento na parte de fiscalização e gestão de recursos de forma integrada: policias, órgãos de fiscalização, IBAMA, fazer através do projeto PPA.
- Fazer a presença do pescador na luta popular brasileira.
- Procurar outras fontes de financiamento, o comitê de bacias do SF e o Fundo FHIDRO.
- Precisamos conhecer este fenômeno (ausência do IBAMA), o que está acontecendo: este é o momento de dar as mãos e não empurrar as responsabilidades entre os órgãos.
- Tem que tirar tudo dali, aí sim vamos revitalizar o SF com peixamento, revitalização; primeiramente é cuidar da CMM.

Pesquisas e ações técnico-científicas

- Citei 2 especificamente cuja contribuição é fundamental: avaliação de estoque, que requer participação maciça de todos os pescadores; (2) da marcação de peixes ou da avaliação dos programas de peixamento.

